

Mário Morales de Castro

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

ESTUDO DOS FALSOS AMIGOS NO PORTUGUÊS E NO  
ESPAANHOL ORIENTADO PARA O ENSINO / APRENDIZAGEM  
DO PORTUGUÊS E PARA A TRADUÇÃO

Apesar das semelhanças lexicais entre o português e o espanhol, há inúmeras lexias que podem causar interferências de uma língua para a outra. Entre estas lexias podem distinguir-se tanto os parónimos linguísticos como os denominados «falsos amigos», ou «palavras amigas-da-onça». Estas lexias são variadíssimas e vão das que são quase semelhantes morfologicamente em ambas as línguas, mas de significados díspares, até às lexias complexas ou expressões completas.

O modelo metodológico para uma classificação, no estudo das lexias dos nossos dois idiomas de contraste, foi feito de acordo com a maneira tradicional de comparar dois sistemas de vocabulário, isto é, na sua forma, na sua semântica, na sua distribuição, e acrescentamos para este estudo contrastivo particular como um apêndice do anterior: no seu uso (e desuso).

1. A Forma.

1.1. Diferença ortográfica.

A dificuldade lexical começa muitas vezes pela ortografia. Não fazemos menção de desinências de lexias transparentes como seriam CANÇÃO / CANCIÓN ou VERDADE / VERDAD, mas sim daqueles aspectos pontuais em muitas das lexias que provêm do facto de se

escreverem juntas ou separadas, com hífen ou sem ele. Encontramos um paradigma na lexia APESAR que em português se escreve numa só palavra e em espanhol separadamente: A PESAR. O mesmo acontece com outros lexemas que em português formam uma unidade lexical e em espanhol formam uma lexia composta. é o caso de TALVEZ, PORTANTO, SOBRETUDO (principalmente), etc. Ao contrário, no caso de lexias que em português estão separadas por um hífen, como seria em PRÉ-ROMANO e PÁRA-BRISAS, em espanhol o morfema junta-se ao lexema. Assim as lexias mencionadas encontram o seu equivalente em PRERROMANO e PARABRISAS.

### 1.2. Diferença de género.

Conforme a teoria histórico-semântica da língua portuguesa, a mudança de género em muitas lexias comparativas dos dois idiomas, como ÁRVORE, LEITE, PONTE que terminam em vogal que não é nem a nem o, obedece a que o lexema em português deriva directamente da terceira declinação do latim, a partir do acusativo; não é normal na 1a. nem na 2a declinação; enquanto que o espanhol deriva do nominativo. Portanto, as lexias mudam de género conforme a motivação semântica. Talvez isto explique a diferença de género em bastantes entradas do léxico transparente: A ÁRVORE, A COR, etc. que são femininos no português moderno e que em espanhol actual são masculinos: EL ÁRBOL, EL COLOR. O contrário seria O MEL e O LEITE, por exemplo, que em português são lexemas masculinos enquanto que em castelhano são femininos: LA MIEL, LA LECHE. Mas também há algumas lexias modernas e neologismos cuja mudança de género é importante. Assim temos que os géneros para O POS-

-GUERRA e LA POSGUERRA, são masculino e feminino respectivamente. A SIDA e EL SIDA feminino e masculino, isto é por causa de A SÍNDROME ser feminina em português e EL SÍNDROME, masculino em espanhol. E locuções como EM EXCLUSIVO porque em português é O EXCLUSIVO e em espanhol LA EXCLUSIVA, e portanto o equivalente seria EN EXCLUSIVA. Se polarizarmos isto para uma tradução em que num poema ou texto literário em português apareça A ÁRVORE como uma metáfora ou como um símbolo de Mãe, o equivalente semântico espanhol EL ÁRBOL seria incorrecto por ser masculino.

### 1.3. Diferença de acentuação.

Dentro do estudo da forma vamos referir-nos agora aos inúmeros lexemas que numa ou noutra língua mudam de acentuação. Isto como já é sabido de mais, acontece designadamente em lexemas de origem grega. Desta maneira encontramos lexias como EPIDEMIA / EPIDEMIA, MONOGAMIA / MONOGAMIA, CLAUSTROFOBIA / CLAUSTROFOBIA, e em todos os derivados de fobia, etc., etc. Não vamos fazer referência à origem desta diversificação por não ser este um estudo histórico-etimológico.

### 1.4. Diferença de pronúncia.

Também não vamos invadir o campo da fonética e da fonologia, pois demais é conhecida já a brecha que separa a pronúncia de ambos os idiomas. No entanto, para a estrutura operatória do nosso dicionário bilingue é fundamental conhecer a transcrição fonética dos lexemas ou das lexias em comparação. Portanto, a transcrição fonética de dois homógrafos é muitíssimo diferente.

O paradigma da nossa escolha mostra claramente esta diversificação: VASO português e VASO espanhol pronunciar-se-ão [vázu] e [báso] respectivamente.

### 1.5. Diferença de número.

Apesar de serem muito poucas as lexias com diversificação de número, pode acontecer problemas de interferência de uma língua para a outra. Em espanhol temos o caso de LAS TIJERAS que muitas vezes se pretende traduzir para português por AS TESOURAS, sendo que na linguagem correcta seria A TESOURA. Outras expressões, cujas lexias mudam de número de uma língua para outra pertencem à ordem sintática e é preciso mencionar que a nossa pesquisa é apenas semântica.

## 2. A Semântica.

A semântica constitui o factor mais importante no nosso estudo, visto ser o maior problema que surge no ensino/aprendizagem do português. É realmente na semântica que aparecem as denominações «falsos amigos» e parónimos interlinguísticos. No nosso estudo lexical-semântico vamos diferenciar as lexias em contraste: 1) lexias cuja monossemia/polissemia é totalmente oposta no(s) seu(s) significado(s) primário(s); 2) lexias cuja monossemia/polissemia é diferente; e 3) lexias cuja monossemia/polissemia é semelhante e diferente. Nesta comparação baseada designadamente na homografia e na paronímia aparecem oposições entre (N (->) N), (N (->) Adj.), (V (->) V), (Sv (->) Sv), (Prep (->) Prep), (Conj. (->) Prep.), etc.

A maioria das lexias simples nas nossas línguas em contraste têm um denominador comum no que se refere aos seus significados primários. Mas quando a lexia se torna composta o segundo lexema difere da lexia composta contrastiva. Isto acontece principalmente nas lexias compostas em português que têm o constituinte (N + Adj.), (N + Sadj.), etc. Portanto, o adjectivo ou o sintagma adjectival (Sadj.) difere do núcleo principal, que seria o nome (N). Estão neste caso lexias simples e concretas como ARROZ ou PRÍNCIPE e OBRA quando aparecem em lexias compostas, geralmente monossémicas como observou a Professora Elisa Macedo, em ARROZ DOCE, PRÍNCIPE ENCANTADO e OBRA PRIMA; o equivalente exacto no espanhol do México e no espanhol peninsular, será ARROZ CON LECHE, PRÍNCIPE AZUL e OBRA MAESTRA.

### 2.1. Lexias com monossemia/polissemia oposta.

Este seria o ponto mais restrito do contraste, que abrange a poucos artigos no léxico. No entanto, apesar de serem só sete lexemas, o leque de oposição abrange (N  $\leftrightarrow$  N), (N/Adj.  $\leftrightarrow$  Adj.), e (V  $\leftrightarrow$  V). Desta maneira os lexemas portugueses ALARGAR, ESPANTOSO, ESQUISITO, LARGO, SÓTÃO, EMPINAR e NORTEAR nada têm a ver semanticamente com ALARGAR, ESPANTOSO, EXQUISITO, LARGO, SÓTANO, EMPINAR e NORTEAR (estes dois últimos lexemas estão referidos aos significantes do espanhol do México). Apesar de serem muito poucas, nem por isso são menos importantes, pois os cinco primeiros lexemas têm uma frequência bastante considerável.

### 2.2. Lexias com monossemia/polissemia diferente.

Acontece que em inúmeros lexemas comparativos existe apenas uma monossemia / polissemia diferente, mas às vezes eles possuem um ponto tangencial conceptual que será como uma espécie de denominador comum. Na nossa observação empírica comparamos SOBREMESA em português e SOBREMESA em espanhol. Embora a primeira lexia composta seja um nome concreto tangível e a segunda uma acção, isto é, uma conversa, o denominador comum, ou antes o limiar de intersecção, seria a refeição, pois os dois conceitos têm a ver com a comida e portanto as duas lexias compostas, dependendo da realidade de cada uma das línguas, formam parte dela. A interferência destas lexias produz uma interferência lexical e cria uma pseudo-linguagem que é importante considerar. Assim um estudante hispano-falante de português costuma muitas vezes fazer este tipo de misturas:

\* ¿Qué tenemos de sobremesa?

quando o correcto seria:

¿Qué tenemos de postre?

No entanto, muitos dos lexemas em comparação não encontram este denominador comum, e não os denominaremos «falsos amigos», serão simplesmente parónimos interlinguísticos. Citaremos: DOS, DOCE, POLVO, PRESUNTO, RATO.

Convém fazer a distinção entre um falso amigo e um parónimo interlinguístico. Pensamos que a definição que dá David Crystal em The Cambridge Encyclopedia of Language \_ «False friends: Words that look the same in two languages often do not mean the same thing. They are known as faux amis»\_ é bastante vaga e portanto adaptar-se-ia só em parte a nosso trabalho.

### 2.3. Lexias com monossemia/polissemia semelhante e diferente.

Este tipo de lexias constitui o principal problema dos três parágrafos deste capítulo. O problema consiste em que as lexias possuem uma monossemia ou polissemia em que também aparece um denominador comum, não de aspecto conceptual ou nocional como em 2.2., mas sim de aspecto puramente semântico. Assim, aparece um núcleo fundamental, no par de lexias em estudo, em que é totalmente concordante, isto é, no estudo polissémico encontramos os significados principais similares, criando-se uma zona de concordância e, ao mesmo tempo, uma zona de discordância no resto dos significados que denominaremos secundários.

Um bom exemplo deste estudo temos-lo no significante LATA, que no seu significado principal é totalmente igual nas duas línguas contrastivas, o mesmo acontecendo com a lexia composta ABRE-LATAS. Portanto a Z.C. (a Zona de concordância ou de intersecção) refere-se por igual nas duas línguas ao recipiente de folha de ferro estanhado. Mas nos significados que denominamos secundários, sobretudo os que na tradição lexical se denominam por figurativos já há uma disparidade que causa um problema de interferência. Isto é, mencionando apenas um dos significantes/significados da Z.D. (Zona de Disparidade ou de Divergência) LATA, cujo sinónimo português seria descaro, na língua espanhola não encontra o equivalente com essa denominação, mas o contexto pode confundir o estudante de português, como de facto acontece. Também o contrário pode acontecer: o sentido de chatice que a palavra LATA tem em castelhano não tem um equivalente em português. Este pro-

blema da interferência linguística acontece muitas vezes em inúmeras lexias aparentemente inofensivas e sobretudo nos verbos ou nos sintagmas verbais.

### 2.a. Lexias cognatas.

As lexias cognatas ou simplesmente cognatos como são conhecidas, que resultam de evoluções divergentes, em línguas de uma mesma família, a partir de uma base etimológica comum, dão origem a muitos erros quando não existe uma correspondência na outra língua e, portanto entram de um modo especial na área dos «falsos amigos». Quanto a este tipo de lexemas podemos mencionar um bom número deles nas duas línguas. Para mencionar só alguns grosso modo temos as lexias divergentes em português como SONO e SONHO, TRÁFICO e TRÁFEGO, que se neutralizam com uma só lexia em espanhol: SUEÑO e TRÁFICO respectivamente. Em relação ao espanhol podemos fazer menção de cognatos como FIERRO e HIERRO, que em português se neutralizam unicamente com FERRO; e as formas apocopadas GRANDE e GRAN, MUCHO e MUY, cujas únicas lexias correspondentes no português moderno são MUITO e GRANDE.

### 2.b. Preposições e regimes.

As preposições desempenham um papel muito importante em qualquer língua e não o podiam ser menos num estudo comparativo desta natureza. Deve-se ao professor José António Sabio Pinillo, da Universidade de Granada (ver referências bibliográficas) quem fez um estudo comparativo muito completo das duas línguas incidindo sobre estas particulas estruturais invariáveis, que ligam



dois termos de um enunciado. Limitar-nos-emos a mencionar os verbos que são regidos de uma partícula funcional como é o caso de APROXIMAR-SE DE e ACERCAR-SE DE cujos correspondentes em castelhano são APROXIMAR-SE A e ACERCAR-SE A; ANDAR DE e IR DE (transporte) são ANDAR EN e IR EN; TRATAR POR (tu, senhor) traduz-se para espanhol por TRATAR DE (tú, usted), etc. etc.

## 2.c. Expressões idiomáticas.

Para o nosso futuro dicionário contamos com um corpus não só de lexias, mas também de expressões idiomáticas muitas delas feitas com a contribuição dos alunos do curso de tradução, partindo de uma perspectiva de tipo contrastivo entre a língua portuguesa e a língua espanhola, tanto de Espanha como do México.

Um estudo prévio revelou a existência de um grande número de expressões idiomáticas, repartindo-se esse quantitativo por vários campos semânticos e por variadas formas de estruturas sintáticas. Limitamos o trabalho ao estudo das expressões idiomáticas que apresentam, em geral, a forma:

verbo: v.v. [Ø + prep.] N  
v [Ø + prep.] N  
v prep. [N d N + N + N adj.]

Para formar o nosso corpus foi preciso fazer uma recolha em dicionários, jornais, textos, etc. Ainda falta proceder à caracterização sintática com análise de estruturas. Depois é preciso o cálculo semântico e a redacção de contextos interpretativos para possibilitar a utilização automática. Logo a seguir virá a elaboração de matrizes binárias; e, finalmente, a implementação em máquina para a sua realização automática.

### 3. A Distribuição

#### 3.1. A distribuição geográfica.

Esta secção refere-se ao estudo das lexias que caem dentro ou fora de uma área dialectal, o que é muito importante. Isto corresponde ao que na linguística contrastiva é conhecida por distribuição geográfica. Dai deriva-se o facto de recorrer ao Atlas Linguístico em ambas as línguas. Num exercício de «escolha múltipla» (escolha entre várias alternativas) de falsos amigos, na aula de tradução português-espanhol, no enunciado seguinte:

é preciso dar de comer ao ANHO,

nenhum dos alunos hispano-falantes, à excepção dos galego-falantes, soube que ANHO era sinónimo de CORDEIRO, apesar de ter um bom nível de português. Como é sabido, o lexema ANHO não é utilizado na língua padrão de Lisboa e, no Atlas Linguístico corresponde a uma área do Norte de Portugal de acordo com Lindley Cintra, encontrando também na Língua Galega um equivalente morfo-semântico em AÑO.

#### 3.2. A distribuição social.

Também é preciso ter em consideração a distribuição da língua nas várias camadas da população, por causa dos significados tanto primários como secundários das lexias em estudo. Num dicionário moderno, é preciso indicar em que nível da população é utilizado um determinado significante/significado. Assim, num lexema polissémico, o significante português CAMADA, cujo sinónimo é quantidade no seguinte enunciado:

Tenho uma grande CAMADA de gripe,

o conceito CAMADA é utilizado a um nível coloquial e, não pertence à linguagem normativa ou a uma linguagem culta. O mesmo pode dizer-se de lexias próprias de sectores restritos da língua falada, como seria o caso da linguagem dos jovens, da dos operários de certas áreas, etc., etc. e de lexias que correspondem ao canal. Daí, a importância da denominada distribuição social.

### 3.3. A distribuição estilística.

Com muita frequência existem restrições relativas ao estilo de falar ou de escrever. Desta maneira, muitas lexias, próprias da poesia ou da literatura, não costumam ser utilizadas na linguagem do dia-a-dia ou na prosa comum, embora possa acontecer o contrário.

## 4. O uso (e desuso).

### 4.1. Arcaísmos.

Acrescentamos esta parte como um apêndice da distribuição para enfatizar o facto de termos em conta, nas nossas lexias de comparação, que num dos sistemas linguísticos estas possuem uma alta frequência enquanto que em outro a frequência, embora a lexia exista, é zero; o que na linguagem vulgar é conhecido por arcaísmo.

Acontece que em todas as línguas românicas peninsulares dá-se este fenómeno e às vezes numa mesma língua. Assim, há lexemas que no português do Brasil têm uma alta frequência e no português europeu são pouco utilizados. É o caso do lexema RUIM. O mesmo acontece entre o espanhol do México e o espanhol peninsular. En-

tre as lexias que convém mencionar transcritas da nossa listagem encontra-se o verbo ACONTECER que em português tem uma altíssima frequência enquanto que em espanhol a sua frequência é muitíssimo menor: 396 e 16 respectivamente. Dir-se-ia o mesmo do fenómeno contrário que se dá com o verbo SUCEDER. No entanto, isto não se aplica aos lexemas pertencentes a famílias como é o caso de ACONTECIMENTO e ACONTECIMIENTO, igualmente utilizados em ambos os idiomas.

#### 4.2. Lexias restritas por preconceito.

Esta área é também muito importante para o nosso estudo. Acontece que numa das duas línguas existem lexias cuja utilização pertence a um nível coloquial ou de calão que pode chegar a ser muito baixo ou ofensivo, e que, pelo contrário, a lexia comparativa na outra língua é correntemente usada, isto é, o seu uso é normal. Este fenómeno leva um estudante a restringir-se não utilizando aquela lexia na outra língua que considera ofensiva na sua própria língua. Assim, lexemas totalmente inofensivos na língua espanhola como seriam BODEGA e TRAMPA que se utilizam para designar adega ou armazém por um lado, e batota ou armadilha por outro, podiam restringir um luso-falante a não utilizá-las normalmente na aprendizagem do castelhano. O mesmo pode dizer-se de muitas outras lexias em ambas as línguas.

#### AGRADECIMENTOS

A Fiama Hasse Pais Brandão, Maria José Oliveira, Valentina Ferreira, Rita Marquilhas e restantes colaboradores do Centro de Linguística. A Dayra Islas Cruz por ter lido a comunicação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) José Antonio Sabio, «Las preposiciones en portugués y en español; estudio contrastivo de la preposición "A"». Actas VI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Porto, 1990.
- 2) Pilar Vázquez Cuesta y Albertina Mendes da Luz, Gramática Portuguesa, Gredos, Madrid, 1971.
- 3) Paul Teyssier, História da Língua Portuguesa, Sá da Costa Editora, Lisboa, 1982.
- 4) Laura Teixeira-Leal Tarquinio, «The Interference of Spanish in Beginning Portuguese Classes», Hispania, 60, 1, 1977, pp. 82 - 87.
- 5) "Teaching the relatedness of Spanish and Portuguese", The Modern Language Journal, 63, 1 - 2, 1979, p.p. 8 -12.
- 6) Paul M. Arriola y George Mason U., «Portuguese and Spanish homonyms and homophones», Hispania, 56, 2, 1973, pp. 426 - 441.
- 7) Joan Corominas, Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Española. Editorial Gredos, S.A. Madrid, 1967.
- 8) Joan Corominas y J.A. Pascual, Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico, Editorial Gredos, Madrid, 1980.
- 9) José Pedro Machado, Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, 3a. Edição, Livros Horizonte, Lisboa, 1977.
- 10) J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, Dicionário da Língua Portuguesa, 6ª edição, Porto Editora, Porto, s.d.
- 11) J.M. Almoyna, Dicionário de Português Espanhol, Porto Editora, Lda., Porto, s.d.
- 12) A. Tendório de Albuquerque, «Castelhano e Português, interessantes divergências entre as duas Línguas Irmãs», Revista de Portugal, série A Língua Portuguesa, Nos. 191 a 200 Volume XXVI, Janeiro a Dezembro de 1961.
- 13) Seymour Resnick, «Pitfalls in Spanish-Portuguese Homonyms and Cognates», Hispania 23/2 4208-28, s.d.
- 14) Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Editora Nova Fronteira, Editores Ltda., Rio de Janeiro, 1986.
- 15) Mário Vilela, Dicionário Português Básico, Edições Asa, Porto, s.d.
- 16) Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Paul Rivenc, Maria Luísa Segura da Cruz, Português Fundamental, volume segundo,

Métodos e Documentos, INIC, Lisboa, 1987.

17) Jacques Van Roey, Sylviane Granger, Helen Swallow, Dictionnaire des Faux Amis Français Anglais, Duculot, Paris-Gembloux, 1988.

18) Alphonse Juilland y E. Chang-Rodríguez, Frequency Dictionary of Spanish Words, Mouton & Co. Publishers, The Hague, The Neetherlands, 1964.

19) Duncan, J.C. A Frequency Dictionary of Portuguese Words, UMI Dissertation Information Service, Stanford University, Ph.D., 1971.

20) Bacelar do Nascimento, Maria Fernanda (1987), Contribuição para um Dicionário de Verbos do Português, Novas Perspectivas Metodológicas, Lisboa, CLUL, INIC.

21) F. Rebelo Gonçalves, Vocabulário da Língua Portuguesa, Coimbra Editora, Lda, 1966.

22) Luís F. Lindley Cintra, Estudos de Dialectologia Portuguesa, Lisboa, SA da Costa Editora, 1983.

23) Leonard S. Downs, Palavras Amigas-da-Onça, A Vocabulary of false friends in English and Portuguese, Ao Livro Técnico, S.A. Rio de Janeiro, 1984.

24) Luis Fernando Lara, Diccionario Básico del Español de México, El Colegio de México, 1986.

25) B. Lamiset, «Pour une approche formelle de la synonymie lexicographique», Cahiers de Lexicologie, Besançon-28-1976-I.

26) Rodrigues Lapa, Estilística da Língua Portuguesa 9ª ed., Coimbra, Coimbra Editora, 1977, pp. 25-27.